

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

ANNA LETHICIA ARAUJO FREITAS

“BRIGHTNESS IS WHO YOU ARE”: relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019)

Parnaíba
2024

F862b Freitas, Anna Lethicia Araujo.

"BRIGHTNESS IS JUST WHO YOU ARE": a relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil Sulwe (2019) / Anna Lethicia Araujo Freitas. - 2024.

46f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba - PI, 2024.

"Orientador: Profa. Ma. Francimaria Machado do Nascimento".

1. Black Studies. 2. Racismo. 3. Identidade negra. 4. Sulwe. I. Nascimento, Francimaria Machado do . II. Título.

CDD 420

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

ANNA LETHICIA ARAUJO FREITAS

“BRIGHTNESS IS WHO YOU ARE”: a relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019)

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês, sob a orientação da Professora Francimaria Machado do Nascimento.

Parnaíba

2024

ANNA LETHICIA ARAUJO FREITAS

“BRIGHTNESS IS WHO YOU ARE”: a relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019)

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês, sob a orientação da Professora Francimaria Machado do Nascimento.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Orientadora: Francimaria Machado do Nascimento
Universidade Estadual do Piauí, Campus de Parnaíba

Professora Convidada: Doutora Renata Cristina da Cunha
Universidade Estadual do Piauí, Campus de Parnaíba

Professor Convidado: Doutor Ruan Nunes Silva
Universidade Estadual do Piauí, Campus de Parnaíba

APROVADA EM 09 DE JANEIRO DE 2024

*Para minhas mães, que
sempre serão meus exemplos de força e resiliência.*

*You may shoot me with your words,
You may cut me with your eyes,
You may kill me with your hatefulness,
But still, like air, I'll rise.*

*Does my sexiness upset you?
Does it come as a surprise
That I dance like I've got diamonds
At the meeting of my thighs?*

*Out of the huts of history's shame
I rise
Up from a past that's rooted in pain
I rise
I'm a black ocean, leaping and wide,
Welling and swelling I bear in the tide.*

*Leaving behind nights of terror and fear
I rise
Into a daybreak that's wondrously clear
I rise
Bringing the gifts that my ancestors gave,
I am the dream and the hope of the slave.*

I rise

I rise

I rise.

(Still I Rise)

Maya Angelou

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha avó materna Maria das Graças, conhecida como Mainha, por sempre ser sinônimo de resiliência e sempre ter sido incentivo em relação à educação e cultura. Seu esforço sempre será reconhecido.

Agradeço agora a minha avó Maria Alice, conhecida como Mãe Lice, por ter sido disciplina, cuidado e liderança. Sua força de viver é admirável .

Agradeço também a minha madrinha Carmem Lúcia, por ter sido afago e carinho quanto não tive. Por ter lutado para me proporcionar o melhor e por me fazer entender que o estudo era o caminho certo.

Agradeço a minha a Roseana, por ser irmã , tia e mãe e não deixar a desejar em nenhuma dessas facetas. Obrigada por ter sido o meu acolhimento.

Agradeço ao meu namorado Alexandre, por ser parceria, apoio, incentivo. Por fazer dos meus dias cheios e corridos um pouco melhor. Por ser companhia constante, mesmo longe. Por ser porto seguro. Você é minha pessoa favorita da vida.

Agradeço imensamente ao Ruan Nunes, por demonstrar através da sua prática o quanto a educação é libertadora. Por ser símbolo de comprometimento e fonte de contribuições diretas e indiretas em minha vida.

Agradeço de coração a Renata Cunha. Você simplesmente é. Seu amor pelo conhecimento é contagiante. Obrigada por ser muito. Muito amável, muito responsável, muito generosa, muito fiel à você. YOU JUST ARE!

Agradeço à minha orientadora Francimaria, por se desafiar e aceitar o convite de imediato. Gostaria de deixar registrado o quanto admiro sua perseverança.

Agradeço ao Ryck Costa, diretor e chefe, por não medir esforços para que eu concluísse o curso. Por ser incentivo e por me proporcionar experiências que somaram à minha jornada acadêmica.

Por fim, mas no mesmo grau de importância, agradeço a todos que fizeram parte da minha jornada. Obrigada por serem apoio, incentivo e pelas energias.

Assim, finalizo essa etapa com o sentimento de dever cumprido. Agora, olhando para aquela menina que não se via em nenhum livro infantil e que o preconceito quase a apagou, eu lhe parablenizo por ser persistência e resistência. E lhe garanto que se depender de mim, nunca mais você se sentirá rejeitada por ser simplesmente você.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro Sulwe (2019)	27
Figuras 2, 3 e 4: Sulwe e sua família	30
Figuras 5 e 6: Colegas brincando com Mich e excluindo Sulwe	32
Figuras 7: Sulwe tentando apagar sua cor com uma borracha.....	35
Figuras 8: Sulwe usa maquiagem de sua mãe	36
Figuras 9: Sulwe se alimenta com comidas claras	37
Figuras 10: Sulwe pedindo a Deus um milagre	37
Figuras 11 e 12: As irmãs Day e Night	41

FREITAS, A. L. A. **“Brightness is who you are”**: relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019). 46p. 2024. Monografia (Graduação em Letras-Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Campus de Parnaíba, 2024.

RESUMO

A identidade negra como construção social está diretamente ligada ao racismo. Nesse processo de construção, a história da população negra, de uma visão positiva e não branca, é o ponto de partida. Muito embora a identidade ou identidades seja uma metamorfose, é imprescindível iniciar o processo de valorização das subjetividades enquanto pessoa negra desde a infância. Assim sendo, faz-se necessário investigar a relação do racismo e o processo de construção da identidade negra em *Sulwe* (2019) – obra literária infantil escrita pela mexicana-queniana Lupita Nyong'o. No livro, A protagonista Sulwe, do leste africano, possui a pele escura como a “meia noite” e vivencia episódios de racismo em sua infância que a fazem desejar o embranquecimento. Com base nessa breve descrição, esta pesquisa almeja responder a seguinte pergunta: qual a relação entre o racismo sofrido pela protagonista Sulwe e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019)? Para responder essa pergunta, o seguinte objetivo geral foi definido: investigar a relação entre o racismo sofrido pela protagonista Sulwe e o processo de construção negra na obra infantil *Sulwe* (2019). A fim de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram delimitados: (i) discutir os pressupostos teóricos do *Black Studies*, com ênfase nos conceitos de racismo e identidade negra; (ii) apontar os tipos de racismo sofrido pela personagem Sulwe e suas consequências; e (iii) analisar como as vivências do racismo e suas consequências se tornaram estímulo para o início do processo de construção da identidade da protagonista Sulwe enquanto criança negra. Em relação ao percurso metodológico, realizar-se-á uma investigação com abordagem qualitativa, na modalidade bibliográfica, de cunho exploratório e interpretativista, embasada Tyson (2006), Karenga (2010), Hall (2006), Munanga (2012), Grada Kilomba (2021), Almeida (2019), entre outras/os. Em suma, ao analisarmos os excertos e figuras selecionados, identificamos que a protagonista Sulwe experiencia quatro tipos de racismo, que resulta em um conflito de aceitação e a fazem buscar o embranquecimento na tentativa de não ser mais rejeitada. Sulwe, por meio do conhecimento da história do seu povo, conseguiu se identificar, reconhecendo as diferenças, e por fim entender e aceitar a sua cor da pele.

Palavras-chave: *Black Studies*. Racismo. Identidade negra. *Sulwe*.

FREITAS, A. L. A. **“Brightness is who you are”**: relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019). 46p. 2024. Monografia (Graduação em Letras-Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Campus de Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

Black identity as a social construction is directly linked to racism. In this construction process, the history of the black population, from a positive, non-white perspective, is the starting point. Although identity or identities are a metamorphosis, it is essential to start the process of valuing subjectivities as a black person from childhood. Therefore, it is necessary to investigate the relation between racism and the process of constructing black identity in *Sulwe* (2019) - a children's literary work written by Mexican-Kenyan Lupita Nyong'o. In the book, the protagonist Sulwe, from East Africa, has skin as dark as “midnight” and experiences episodes of racism in her childhood that make her want to be whitened. Based on this brief description, this research aims to answer the following question: what is the relation between the racism suffered by the protagonist Sulwe and the process of constructing a black identity in the children's book *Sulwe* (2019)? In order to answer this question, the following general objective was defined: to investigate the relation between the racism suffered by the protagonist Sulwe and the process of constructing black identity in the children's book *Sulwe* (2019). In order to achieve this general objective, the following specific objectives were set: (i) to discuss the theoretical assumptions of *Black Studies*, with an emphasis on the concepts of racism and black identity; (ii) to point out the types of racism suffered by the character Sulwe and its consequences; and (iii) to analyze how the experiences of racism and its consequences became for the beginning of the process of constructing of Sulwe's identity as a black child. In terms of methodology, the research will take a qualitative, bibliographical, exploratory and interpretative approach, based on Tyson (2006), Karenga (2010), Hall (2006), Munanga (2012), Grada Kilomba (2021), Almeida (2019), among others. In short, by analyzing the selected excerpts and figures, we can identify that the protagonist Sulwe experiences four types of racism, which result in a conflict of acceptance and make her seek whitening in an attempt to no longer be rejected. Through the history of her people, Sulwe was able to identify herself, recognizing the differences, and finally understanding and accepting her skin color.

Keywords: *Black Studies*. Racism. Black identity. *Sulwe*.

SUMÁRIO

1 “WHEN YOU’RE FEELIN’ LIKE YOU’RE SCREAMING REALLY LOUD”:	12
1 considerações iniciais	12
2 “THE WHITE FEAR OF WHAT COULD POSSIBLY BE”	19
2 discutindo Black Studies, Racismo e Identidade Negra	19
2.1 Black Studies	19
2.1.1 Racismo	21
2.1.2 Identidade negra	24
3 “BRIGHTNESS IS WHO YOU ARE”:	27
3 os tipos de racismo sofrido por Sulwe, suas consequências	27
3 como se tornaram estímulo para o início da construção da sua identidade negra	27
3.1 Um olhar sobre Sulwe (2019) e a autora	27
3.2 “SHE LOOKED NOTHING LIKE HER FAMILY”:	29
3.2 o racismo por meio do colorismo	29
3.3 “SHE WANTED REAL FRIENDS TOO”: o racismo cotidiano	31
3.4 “HOW COULD SHE, AS DARKS AS SHE WAS, HAVE BRIGHTNESS IN HER?”:	32
3.4 o racismo institucional e estrutural	32
3.5 “MAY I WAKE UP AS BRIGHT AS THE SUN IN THE SKY”:	34
3.5 os efeitos das manifestação do racismo	34
3.6 “LONG AGO, AT THE BEGINNING OF TIME”:	38
3.6 a personagem Sulwe e o processo de construção da identidade da criança negra	38
4 “LIGHT COMES IN ALL COLORS”: considerações finais	42
REFERÊNCIAS	45

1 “WHEN YOU’RE FELLIN’ LIKE YOU’RE SCREAMING REALLY LOUD”¹: considerações iniciais

Quando falamos de referencial de beleza, o referencial de padrão do indivíduo “perfeito” sempre foi e continua sendo de um ideal branco. Com isso, surgem diversas tentativas de branqueamento da população negra para se encaixar nesse padrão “ideal”. Podemos citar as mudanças nos cabelos com alisamentos e as cirurgias para afinar o nariz como exemplos fortíssimos dessas tentativas, que perpassam os dias atuais. As características culturalmente apreciadas são os traços “finos”, cabelos alinhados e pele clara, ou seja, fenotípicos europeus. Desse modo, as características fenotípicas negras são retiradas do espaço de significação do belo. Consequentemente, cria-se uma forma binária de representação (Hall, 2013), na qual as particularidades da população negra são sempre representadas na aba negativa. Em outras palavras, o “bom”, “civilizado” e “belo” está sempre relacionado com a branquitude, enquanto o “Outro”, ou seja, a população negra é representada por “mau”, “primitivo” e “feio” (Kilomba, 2021). Essas representações estão presentes na História, na teledramaturgia, nas revistas, nos livros adultos e infantis.

Eu, como criança negra, estive nesse lugar de ‘Outro’, acreditando que eu representava esse lado negativo em minhas características fenotípicas. Desse modo, podemos dizer que o surgimento do meu² interesse pelo tema desta pesquisa se deu por meio das experiências vivenciadas desde a minha infância. Apesar do meu encantamento pelo mundo que a literatura proporciona, nunca me senti parte desse mundo, principalmente quando tratava-se de literatura infantil. Acredito que a falta de identificação era justamente pelo fato de não me reconhecer em meio às personagens. Eram tantas princesas e rainhas, príncipes e reis, porém todos de pele branca, cabelos lisos, olhos claros, nariz afinado e pessoas ao redor admirando-os incansavelmente. Na falta de personagens com características semelhante às minhas: pele escura, cabelo crespo, olhos escuros e grandes, além de viver situações preconceituosas às minhas características, fui cada dia mais sendo alimentada, por mim e por pessoas a minha volta, com o desejo de me tornar menos “diferente”. Assim como muitas crianças negras, vivenciei momentos dolorosos por minhas características e passei por tentativas de embranquecimento.

Logo no início da minha trajetória escolar, tanto na educação infantil quanto no

¹ “Quando você sente que está gritando muito alto” (tradução nossa). BOY, Burna. Alone. 2022. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/burna-boy/alone/>. Acesso em: 20 Jan. 2024.

² Narrativa na primeira pessoa do singular, visto que expressa relatos pessoais relacionados ao surgimento do interesse pelo problema.

ensino fundamental (anos iniciais), lembro vividamente da minha mãe³ realizando o que chamamos hoje de “finalização de cachos” por todo o meu cabelo, todas as manhãs. Os anos foram passando, e logo fui recebendo comentários do tipo “que cabelo assanhado”, “quanto volume, deveria fazer um relaxamento”, ou até mesmo “esse cabelo entra água?”. Foram essas falas que me fizeram insistir incansavelmente para minha mãe para alisá-lo. Eu tinha apenas dez anos de idade e já utilizava químicas para “alinhar” meu cabelo “assanhado”, “volumoso” e “feio”.

O tempo passou e só diminuir o volume não era suficiente. Seja na escola, na igreja ou em eventos, os comentários revestidos de preconceitos eram persistentes. O mais triste era perceber que vinha de pessoas com idade próxima a minha. Então, fui aumentando a dosagem de química para os cachos desaparecerem. Assim, quanto menos cachos eu tinha, mais esforço eu fazia para me sentir bem com aquela imagem que todos, inclusive eu, queriam. Nunca foi suficiente. Eu me sentia feia quando a raiz estava crescendo e quem eu realmente era estava à mostra, ou seja, a menina da pele escura, mas nem tanto, de cabelo assanhado e volumoso.

No ensino fundamental (anos finais), vivi um momento de muita dor, mesmo sem o entendimento que tenho hoje. Uma professora referiu-se a mim e ao meu cabelo de forma pejorativa. Lembro bem das palavras: “você deveria cuidar desse cabelo ruim!”. Isso ecoou dentro de mim como se fosse uma fita gravada com uma única faixa, sempre repetindo e todas às vezes eu sentia a mesma dor, a mesma vergonha. Não conseguia entender, só doía.

No ensino médio, as insatisfações comigo mesma ainda persistiam. Comecei a observar outros adolescentes, principalmente mulheres, que assim como eu possuíam fenótipos negros e costumava me indagar se elas passavam pelas mesmas situações que eu. Foi nesse período que comecei a procurar um lugar de pertencimento⁴, e para isso comecei a procurar entender mais sobre quem eu era e quem eu gostaria de ser um dia.

Ao ingressar no Curso de Licenciatura em Letras-Inglês (2019.2), apesar das inúmeras dúvidas, ansiava por descobertas que pudessem me auxiliar a me ver realmente. O curso me possibilitou ver e repensar as situações vivenciadas por mim e por outros perante a sociedade, agora com um olhar crítico. Com isso, fui percebendo que perdi anos da minha vida lutando contra mim mesma e, aos poucos, fui tentando entender quem eu era, quem eu me tornei e quem eu queria ser daquele momento em diante. Grande parte

³ Referente à avó materna, a qual desempenha o papel de mãe grandiosamente.

⁴ “Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e consequentemente se identifica

dessas inquietações e reflexões tornaram-se mais fortes depois que cursei a disciplina de Crítica Literária (2018.2). As aulas, ministradas pela Professora Doutora Renata Cristina da Cunha, tinham como objetivo propiciar novas lentes para analisarmos os acontecimentos ao nosso redor, utilizando de objetos culturais do nosso cotidiano, seja um livro, uma música, um filme ou um seriado. Quase que instantaneamente, me identifiquei com a corrente Afro-Americana. Por meio dessa disciplina pude iniciar realmente o processo de auto aceitação como uma mulher negra e ver beleza em quem eu estava me tornando.

No mesmo período, tive a oportunidade de desenvolver um estágio não-obrigatório em uma escola particular da cidade de Parnaíba-PI com crianças da educação infantil. À medida que fui me encontrando na docência, tive a oportunidade de observar como o sistema educacional é falho quando se trata do acolhimento das crianças negras. Mesmo com a passagem do tempo, as mesmas histórias são contadas. Histórias que eu não me via, e que possivelmente, as crianças negras que ali estavam também não se viam.

Diante dessas reflexões, compreendi que *Black Studies*, com sua área de pesquisa mais abrangente que a linha Afro-Americana, juntamente com literatura infantil negra tem o poder de transformar outras crianças negras e as ajudar na fase de aceitação e apreciação de suas belezas. Além da minha linha de pesquisa, consequentemente seriam minhas principais ferramentas como professora negra na educação infantil. Portanto, minhas vivências em casa, na escola, na universidade e no âmbito de trabalho me impulsionam a realizar uma investigação sobre as formas de racismo e suas influências para a população negra, em destaque as crianças. Ainda no âmbito da pesquisa, ressaltamos que a mesma está inserida na área dos estudos literários, o que nos possibilita análises de caráter interpretativista dos objetos literários selecionados, a fim de identificar e compreender os fenômenos da sociedade.

Desse modo, escolhemos o *Black Studies* como campo de estudo dessa pesquisa para discutir raça, principalmente da perspectiva dos preconceitos raciais sofridos pela população negra e quais são os impactos de vivenciar esses preconceitos. Esse campo também contempla os estudos Afro-Americanos, uma corrente literária da Crítica Literária, e é caracterizado como um espaço global e interdisciplinar das histórias, políticas, culturas e experiências das pessoas afro descendentes. A partir dos seus pressupostos teóricos, é possível analisar temáticas como colorismo, negritude e identidade negra, além dos preconceitos raciais em torno dos sujeitos negros da nossa sociedade.

Sabemos que o cotidiano da população negra é marcado por muita violência e opressão desde a infância. Consequentemente, vivenciar essas violências pode contribuir de

maneira significativa para o desenvolvimento desses indivíduos. Baixa autoestima, sentimento de insuficiência, desamor, problemas mentais e suicídio podem ser condições desenvolvidas a partir dessas violências, se o processo de identificação e valorização do seu eu real não for instigado desde cedo. Diante do exposto, acreditamos que os conceitos de racismo e identidade negra, associados aos *Black Studies*, são fundamentais para as discussões propostas nesta investigação.

De forma breve⁵, o racismo é uma combinação do preconceito e do poder (Kilomba, 2021). Em outras palavras, é uma discriminação social, baseada na supremacia branca, na qual aqueles que não possuem as características da raça, etnia ou aspectos físicos da branquitude, são então inferiores e indignos. Esse sistema de poder não é novo, porém tem grande impacto nas vidas das/os cidadãs/os negra/os em todo o mundo, em forma de segregação, discriminação e até genocídio.

Por essa razão, nascer negra/o é, no mínimo, um desafio. E um desafio maior é compreender que não tem nada de errado nisso. Para combater essas violências, devemos começar a entender a nossa história enquanto pessoa negra. História essa que vem sendo apagada pela branquitude. Encontramos identificação, aceitação e valorização na nossa cor de pele e outras características é no mínimo desafiador quando já se é um adulto moldado pelos ideais brancos. Sendo assim, a construção e o fortalecimento de uma identidade negra positiva na infância é fundamental para que possamos quebrar o ciclo de violência contra nós mesmos.

A arte é uma das formas mais conhecidas por proporcionar esse sentimento de identificação, pois muito dela é reflexo dos fenômenos sociais que são vivenciados no mundo real. Nesse sentido, elegemos a obra literária infantil *Sulwe* (2019) como o corpus literário da pesquisa. Em linhas gerais, o livro foi escrito pela Mexicana-Queniana Lupita Nyong'o e ilustrado pela artista estadunidense Vashti Harrison. O mesmo aborda as vivências de racismo que a protagonista Sulwe sofre durante sua infância devido ter a “cor da meia noite”, ou seja, ser uma criança negra retinta, diferentemente de seus pais e sua irmã, que possuem a pele negra mais clara. Sulwe entra em uma jornada de embranquecimento e acaba por descobrir que a beleza também reside nela, dentro e fora. Podemos ver essa jornada como uma forma de aprendizado na construção da identidade negra de maneira positiva para a pequena Sulwe.

Diante do exposto, essa pesquisa visa responder a seguinte pergunta: qual a relação entre o racismo sofrido pela protagonista Sulwe e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019)?

⁵ O conceito será abordado de maneira mais abrangente na seção de Revisão de Literatura

A fim de responder esta pergunta, traçamos o seguinte objetivo geral: investigar a relação entre o racismo sofrido pela protagonista Sulwe e o processo de construção da identidade na obra infantil *Sulwe* (2019). Para atingir este objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos *Black Studies*, com ênfase nos conceitos de racismo e identidade negra; apontar os tipos de racismo sofrido pela personagem Sulwe e seus efeitos; analisar como os momentos as vivências do racismo e suas consequências se tornaram estímulo para o início do processo de construção da identidade da protagonista Sulwe enquanto criança negra.

A fim de desenvolver esta pesquisa científica, precisamos discorrer acerca do percurso metodológico e sistemático traçado para alcançar os objetivos deste estudo. Em suma, realizamos uma investigação que não está focada em números, mas, sim na subjetividade das personagens presentes em um artefato cultural. Por isso, a abordagem desta investigação é qualitativa, pois desenvolvemos um estudo que “se aprofunda no mundo dos significados” (Minayo, 2007, p. 22), ou seja, uma investigação interpretativa do corpus da pesquisa científica. Isso nos mostra que os medos, angústias e desejos dos sujeitos não pode ser medida e/ou quantificada; logo, trabalhamos a subjetividade do sujeito e sua relação com a sociedade que está inserida (Minayo, 2007).

Em relação à modalidade, realizamos uma investigação bibliográfica, ou seja, uma pesquisa “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p. 50) acerca da temática que discutimos. Isto é, a pesquisa foi realizada a partir de outros escritos que já publicados sobre os *Black Studies*. No tocante ao cunho, realizamos um estudo exploratório, que segundo Carlos Gil (2019), tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, no qual consideramos diversos aspectos quanto ao fenômeno estudado. No caso, caminhamos para relacionar os conceitos de racismo e identidade negra a partir das vivências da personagem na obra literária infantil *Sulwe* (2019).

Acerca das etapas para a realização desta pesquisa, decidimos percorrer as quatro indicadas por Kuark *et al* (2010) que correspondem, respectivamente, à decisão do tema e ao início dos primeiros passos da realização da pesquisa, à delimitação da metodologia e a busca e seleção dos materiais relevantes para a pesquisa e, por fim, às conclusões e à apresentação da pesquisa.

Diante das considerações metodológicas acima, devemos especular sobre as razões sociais, acadêmicas e pessoais que esperamos alcançar com esta pesquisa. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) Contínua, publicada pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶, o número de pessoas negras constitui 56% do total da população brasileira em 2023 (IBGE, 2022b). O país, de maioria negra, curiosamente mantém e fortalece as desigualdades sociais, expressadas no racismo e suas diversas formas de manifestação. O impacto do racismo na vida de pessoas negras é massivo e aterrorizante, seja na esfera psicológica ou física (IBGE, 2022b).

Ao falarmos do Brasil, de acordo com o Atlas de Violência 2021, o genocídio da população negra atinge um pico alarmante, no qual sete em cada dez pessoas assassinadas são negras, inclusive crianças e adolescentes. Além disso, também há uma incidência quanto aos problemas de saúde mental. Segundo pesquisa do Ministério da Saúde, de cada dez suicídios de adolescentes em 2016, seis foram de jovens negros ou pardos. As vivências do racismo contribuem para o adoecimento psíquico, depressão e altos níveis de suicídio.

O combate ao racismo é urgente e necessita de todas as armas possíveis para continuar na batalha. Desta forma, a literatura associada com a pesquisa científica são fortes aliadas nesse processo. De acordo com Alkalimat (2010), por meio dos *Black Studies* é possível desfazer os estereótipos negativos, ao mesmo tempo que proporciona uma representação mais fiel e positiva da comunidade negra na academia e na sociedade. Nesse contexto, com esta pesquisa, esperamos, no campo social, contribuir para a reflexão acerca da importância da literatura infantil para as crianças da nossa contemporaneidade, desmistificando os estereótipos negativos idealizados pela branquitude para segregar e desmerecer a população negra.

No combate ao racismo, é necessário identificar suas formas e denunciá-las para que nossas crianças cada dia mais consigam ser elas mesmas, sem medo ou vergonha. Por esta razão, destacar a beleza negra, seja clara, média ou retinta, é uma forma fundamental de fortalecer a auto aceitação e amor próprio desde a primeira infância, e então iniciar o processo de construção de uma identidade negra.

No âmbito acadêmico, esperamos que as discussões aqui propostas, entrepostas no *Black Studies*, possam beneficiar os acadêmicos de Letras-Inglês, visto que a mesma poderá ser utilizada como acervo bibliográfico para futuras pesquisas feitas no campo dos estudos literários infantis, na qual a pesquisa é pioneira⁷, como forma de questionar o lugar

⁶ IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informação Demográfica e Socioeconômica: Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, IBGE, 2022a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

⁷ Após uma pesquisa no acervo bibliográfico do curso de Letras Inglês da UESPI campus Parnaíba, notamos que ainda não havia nenhum trabalho de conclusão de curso voltado para a literatura infantil e literatura infantil negra.

de literatura inferior e/ou de baixa qualidade que são colocadas e a segunda realizada no campo dos *Black Studies*. Grada Kilomba (2021, p. 50) afirma que

o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço *branco* onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas *negras*. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os *brancas/os* têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “*Outras/o*” inferior colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito *branco*.

Com essa pesquisa, tentamos ainda fortalecer os estudos acerca das pautas raciais como estudos científicos, proporcionando aos discentes, principalmente negras(os) o arrancar das máscaras que silenciam suas vozes, além da quebra da ordem colonial na qual intelectuais negras/os possuem uma perspectiva subjetiva e emocional (Kilomba, 2021). Além de instigar um movimento contra o lugar de inferior e/ou de baixa qualidade que a literatura infantil é destinada, quando na verdade a mesma pode ser propulsora de questionamentos sociais (Nunes, 2025).

Em âmbito pessoal, este trabalho servirá de repertório teórico acerca das discussões de raça dentro da literatura infantil negra. Em consonância, estas reflexões são fundamentais para meu trabalho como docente, visto que ao fazer uso de obras literárias que trazem representatividade negra, principalmente na educação infantil, serei capaz de instigar a auto aceitação, e consequentemente, auxiliar na construção de uma identidade negra sólida.

O trabalho está dividido em cinco seções. Primeiramente, abordamos o surgimento do interesse pela pesquisa, como o tema se relaciona com o mundo acadêmico, apresentamos a pergunta que esta investigação visa responder, juntamente com o objetivo geral e específicos da pesquisa, a metodologia, as justificativas sociais, acadêmicas e pessoais, seguidos da estrutura do trabalho. Em seguida, esmiuçamos as leituras de suma importância para a pesquisa, por meio de quatro tópicos principais: os *Black Studies*, seguido por discussões sobre racismo e identidade negra. Posteriormente, apresentamos a obra *Sulwe* (2019), sua autora, Lupita Nyong'o, e as análises interpretativistas do corpus da pesquisa, à luz dos *Black Studies*. E finalmente, em considerações finais, retomamos a pergunta da principal e os objetivos da pesquisa a fim de analisar os nossos, como também sugerir pesquisas futuras sobre a temática e corpus da pesquisa, além de expor as dificuldades e pensamentos da autora sobre a realização do trabalho.

2 “THE *WHITE FEAR OF WHAT COULD POSSIBLY BE REVEALED BY THE BLACK SUBJECT*”: discutindo *Black Studies*, Racismo e a Identidade Negra

Este capítulo tem como foco a revisão de literatura desta pesquisa, destacando a estruturação teórica e a contextualização dos conceitos. Seguindo uma ordem lógica dos temas e discussões, a abordagem é realizada do tema mais amplo para o mais específico. Desta forma, o capítulo discorre primeiramente o campo de atuação do *Black Studies*, seguido do contexto sócio-histórico e político no qual a área surgiu. Por fim, apresentamos os conceitos de racismo e identidade negra.

2.1 *Black Studies*

Antes de iniciarmos o desenrolar desta sessão acerca das “lentes” que faremos uso para analisar e refletir o nosso corpus, é importante salientar as motivações pela escolha desse caminho e, conseqüentemente, por não seguir pelos caminhos das lentes Afro-americanas. A Crítica Afro-Americana, segundo Tyson (2006, p.394) “can be used to analyze any literary text that speaks to African American issues, regardless of the race of its author, although the work of African American writers is the primary focus”⁸. Ou seja, como parte do campo de estudos da Crítica Literária direciona suas lentes para as obras literárias que contenham representações e/ou conceitos a respeito das experiências vividas pelos povos afro-americanos.

Como mencionado anteriormente, o corpus da nossa pesquisa além de ter sido desenvolvido por uma autora negra de dupla nacionalidade, queniano-mexicana, relata ainda vivências de um povo do leste africano, ou seja, não pertencentes às autorias ou a experiências afro-americanos. A partir de então, surgiu a necessidade de buscarmos um campo de estudo que abrangesse os demais povos, com suas autorias e vivências com os preconceitos raciais. Desta forma, chegamos à decisão de caminhar juntamente com os *Black Studies*.

Em termos históricos, Karenga (2010) expõe que os *Black Studies* iniciaram-se a

⁸ A Crítica Afro-americana pode ser usada para analisar qualquer texto literário que fale sobre questões afro-americanas, independentemente da raça de seu autor, embora o trabalho de escritores afro-americanos seja o foco principal. (TYSON, 2006, p. 394) tradução nossa.

partir de sociedades antigas, por meio da necessidade de conhecer a cultura das antigas civilizações africanas. Contudo, como um campo de estudo, os *Black Studies* surgiu na década de 1960 em meio aos movimentos sociais nos quais a luta pelos direitos da população negra e segregação era o principal objetivo. Os movimentos que auxiliaram nas mudanças nas academias e surgimento do campo como disciplina foram principalmente: O movimento dos direitos civis, a luta pela liberdade de expressão e a luta dos africanos contra o Apartheid. Em termos gerais, estudantes negros, juntamente com estadunidenses nativos, estadunidenses asiáticos e latinos ansiavam por uma educação de qualidade, porém descentralizada das abordagens europeias ou euro-estadunidenses. Todavia, Alkalimat (2021) aponta *Black Studies* como um campo de pesquisa, estabelecido pela população negra muito antes da institucionalização como disciplina universitária.

Definido por Karenga (2010) como uma disciplina multidisciplinar com foco nas experiências dos povos africanos, o autor supracitado entende que africano é tanto aquele que habita o continente africano, quanto aquele que sofreu o processo de diáspora. Em termos gerais, diáspora significa dispersão de um povo. Para Maulana Karenga (2010) a “diáspora” é entendida por deslocamentos geográficos ou “dispersão”⁹ de povos de origem em comum no mundo todo. No caso do *Black Studies*, a origem em comum é a África. Visto que um dos conceitos-chave no desenvolvimento desta pesquisa é o de identidade negra, surge a necessidade de discorrer acerca dos processos de colonização dos povos africanos, já que esse conceitos e outros surgem a partir da África e seu povo (Munanga, 2012). O autor (2012) destaca que as relações do colonizador e colonizado se tornaram relações de superioridade por parte do colonizador, que julgava o povo colonizado como inferior, e por esta razão, eles foram explorados e violentados.

Essas violências e preconceitos tiveram seu início a partir do momento que os brancos, a partir da conduta dos colonizadores, instigaram a comparação de europeus e africanos, afirmando que ser branco era tido como condição normativa e, ser negro necessitava de uma explicação científica (Munganga, 2012). Tida como uma das principais responsáveis por essa crença de superioridade, a igreja católica correlacionava a cor de pele negra dos povos africanos aos pecados dos mesmos. Ou seja, instigaram a violência e a escravidão dos povos africanos como forma de livrá-los de seus pecados. Além da instituição igreja, Munanga (2012) relata que filósofos europeus comparavam os negros com animais irracionais para fins de trabalhos árduos. A partir desse contexto, questionamentos e

⁹ Definição do autor para deslocamentos geográficos (Karenga, 2010).

processos de não aceitação por parte dos povos colonizados ganham força. Desta forma, os negros começam a ver a si mesmo como inferiores, a partir da perspectiva dos colonizadores, e passam a buscar o enbranquecimento e mudanças de suas características físicas também, ou seja, tudo aquilo que era desprezado pelo branco.

No livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), o autor Franz Fanon também profere sobre as relações entre negros e brancos, só que a partir das vivências dos povos antilhanos no processo de negação da sua cultura e na busca de aceitação pela “civilização”¹⁰. Fanon (2008) argumenta que uma das tentativas de embranquecimento dos povos antilhanos era fazendo uso do casamento com pessoas brancas com o propósito de fazer parte do mundo branco, e consequentemente, inferiorizando o povo negro.

Em *Colorismo* (2021), Alessandra Devulsky argumenta que a causa do colorismo estar compreendida pela ótica da posição negra “inferiorizada e subjugada ao branco”. Ou seja, decorre da “supremacia branca”, e acredita na suopreioridade dos brancos em relação aos negros e também dos negros em relação à outros negros. Desta maneira, “chamamos de colorismo o processo de inferiorização e da tentativa de branqueamento da população negra, vindas não só do branco que tenta afirmar sua suposta “superioridade”, mas também do negro que busca uma validação social” (Galeno, 2023, p. 24). Sendo assim, quando mais branco ou perto do branco, mais privilégios terá, e o contrário, quanto mais negro se for, mais árduo e mais doloroso será.

Compreendemos, que *Black Studies* é um campo literário, porém é também uma área sócio-política, sendo assim, muito embora correlacionado diretamente com a comunidade negra, o campo não é de exclusividade das pessoas negras. Como campo multidisciplinar, visa analisar as experiências dos povos negros, compreendendo e expondo a cultura, a história e as relações dos mesmos com a branquitude e seus impactos na atualidade.

Ao finalizarmos esta seção, adentramos de forma mais profunda nos dois conceitos que serão utilizados futuramente nas análises do nosso corpus de pesquisa: Racismo e identidade negra.

2.2.1 Racismo

Ao falarmos de *Black Studies*, mesmo que em termos leigos, rapidamente fazemos

¹⁰ Termo utilizado pelo autor para se referir à França (Fanon, 2008).

ligação com racismo. Um conceito amplamente discutido nesse campo de estudos e que diz muito sobre as violências vividas pela comunidade negra desde sempre. O racismo geralmente é abordado a partir de raça, visto que etimologicamente se origina dessa palavra. Por esta razão, é necessário conceituarmos brevemente o conceito de raça. Para Cardoso (2015) o conceito de raça está intimamente ligado à cor e é um elemento fundamental para a organização da sociedade, principalmente brasileira.

Na biologia, raça é o “conjunto de populações de uma espécie que ocupam uma região particular, e que diferem das populações de outras regiões” (Oxford Languages). Para Cardoso (2015) é a partir da cor e da ideologia dominante que foram difundidas sobre a população afro-descendente, que vão se estruturar os processos de desigualdades sociais, já que a raça “transparece nitidamente na qualidade de representação social que toma arbitrariamente a cor ou outros atributos raciais distinguíveis, reais ou imaginários, como fonte para a seleção de qualidade estereotipável” (Cardoso, 2015, p. 250).

Segundo o Dicionário Aurélio (1999), o conceito de Raça refere-se ao:

Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo, etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. Ou como uso restrito da Antropologia, referente a cada uma das grandes subdivisões da espécie humana, e que supostamente constitui uma unidade relativamente separada e distinta, com características biológicas e organização genética próprias. [Diversos autores, seguindo critérios distintos de classificação, propuseram diferentes classificações da humanidade em termos raciais. A mais básica e difundida é a das três grandes subdivisões: caucasóide (raça „branca“), negróide (raça „negra“) e mongolóide (raça „amarela“). Como conceito antropológico, sofreu numerosas e fortes críticas, pois a diversidade genética da humanidade parece apresentar-se num contínuo, e não com uma distribuição em grupos isoláveis, e as explicações que recorrem à noção de raça não respondem satisfatoriamente às questões colocadas pelas variações culturais. Pode ser utilizado ainda, como o conjunto dos ascendentes e descendentes de uma família, uma tribo ou um povo, que se origina de um tronco comum” (FERREIRA, 1999, p. 1695).

Em consonância, Munanga (2003) afirma que raça adveio do italiano *razza*, que veio do latim *ratio*, e significam categoria ou espécie. A partir desse conceito emergiu o termo racismo, que seria o “preconceito e discriminação direcionados a alguém tendo em conta sua origem étnico-racial, geralmente se refere à ideologia de que existe uma raça melhor que a outra” (Dicionário Online de Português, 2023). Definido também como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para

indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2019, p. 22).

Em conformidade com Munanga (2003) e Almeida (2019), Santos (2024)¹¹ afirma que o “racismo é um sistema que organiza nossa sociedade em castas. E dessa forma, define quem tem mais direitos e quem tem menos direitos”. Ou seja, o racismo existe porque há uma estrutura social que coloca um grupo social acima de outro, e por consequência, direitos são negados e violências são direcionadas ao grupo base do sistema, no caso, os povos negros (Santos, 2024).

Grada Kilomba (2021) explicita três características que constituem o racismo: a construção da diferença, valores hierárquicos e poder (histórico, político, social e econômico). Em termos gerais, a autora afirma que o preconceito e o poder formam o racismo.

Ademais, é conhecido que existem tipos de racismo, dentre eles: racismo estrutural, racismo institucional e racismo cotidiano (Kilomba, 2021). O racismo estrutural é quando as “estruturas sociais operam de uma maneira que privilegia manifestamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes” (Kilomba, 2021, p. 77). Em resumo, o racismo decorre da própria estrutura social, em outras palavras, de maneira “normal” com que se constituem as relações, sejam elas políticas, econômicas, jurídicas e/ou familiares (Almeida, 2019).

Em consonância com os pensamentos de Grada Kilomba (2021), o racismo não é somente ideológico, mas também institucionalizado. Ou seja, o racismo institucional opera em sistemas educacionais, mercado de trabalho, justiça criminal e demais instituições de tal forma que coloca os sujeitos brancos em clara vantagem em relação a outros grupos racializados. Em contrapartida, Almeida (2019) alega que:

Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (Almeida, 2019, p. 31).

Com a citação acima, compreendemos que o racismo não é algo criado pelas

¹¹ SANTOS, Keilla Vila Flor. **Você realmente sabe o que é racismo?**. Brasília. 04 nov. 2024. Instagram: @pretitudes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DCCLUsRpZLn/?igsh=cW40Mmw4bFueHM5>. Acesso em: 30 nov. 2024.

instituições, porém é reproduzido, visto que o racismo está presente na vida cotidiana desta estrutura social. Quanto ao racismo cotidiano, definimos como todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam a pessoa negra como “Outra/o”¹², para medir a diferença dos brancos, mas também como Outridade, em outras palavras, seria a personificação dos aspectos oprimidos da branquitude (Kilomba, 2021).

Kilomba (2021) argumenta ainda que todas as vezes que somos colocados como o “outro”, seja esse o “outro” o indesejado, o perigoso, o violento, o sujo, selvagem, estamos inevitavelmente vivenciando o racismo, pois somos forçados a nos tornar a personificação daquilo que a branquitude não quer ser reconhecida. “Eu me torno a/ o “*Outra/o*” da branquitude, não o *eu* – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual.” (Kilomba, 2021, p. 78).

Em suma, o racismo é uma realidade violenta e de grande impacto nas vidas das pessoas negras, causando traumas que carregamos durante toda a vida. Em vista disso, é de extrema importância falarmos e refletirmos sobre essa pauta desde a infância, pois desta forma podemos usar dessas reflexões como fonte de influência na construção e valorização da identidade negra. Na seção seguinte, iremos discorrer sobre o conceito de identidade negra.

2.1.2 Identidade negra

Da infância até a fase adulta, pessoas negras são constantemente violentadas, ou seja, cotidianamente vivem na pele o racismo e seus efeitos, o que influencia de maneira significativa no entendimento e reconhecimento enquanto pessoa negra. O processo de construção da identidade inicia na primeira infância e sofre influência daquilo que nos rodeia. Devido a isso, é essencial que sejamos capazes de entender que o racismo é uma constituição social criada para violentar, diminuir, segregar aqueles que não seguem os ideais brancos. Dessa forma, a identificação como pessoa negra é um desafio, pois temos pertencer ao “diferente”, além de sofrermos e nos envergonharmos disso.

De acordo com o Cambridge Dictionary, a identidade é definida como “who or what a person is”¹³. Hall utiliza o termo identidade para significar

¹² Termo escolhido pela autora, a partir dos escritos de Grada Kilomba (2021).

¹³ “Quem ou o que uma pessoa é” (tradução nossa).

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’”(Hall, 2000, p.111-112).

Por assim dizer, enquanto seres humanos, estamos constantemente vivenciando processos. Ou seja, a construção da nossa identidade é um movimento ou uma metamorfose. O sociólogo francês Dubar (2006) usa o termo “formações identitárias”, visto que assumimos diversas identidades. Na jornada de produção das subjetividades, a identificação vem do outro, visto que é criada através da socialização, mas pode ser rejeitada para a criação de outra. Basicamente, enquanto pessoas negras, devemos buscar criar uma identificação e instigar outras/os semelhantes a fazerem o mesmo.

A constituição da identidade negra em uma sociedade racista é muito dolorosa, à medida que a população negra é ensinada a rejeitar e a desvalorizar suas características físicas e culturais. Isso é efeito da perpetuação de ideias brancas, nos quais apenas os comportamentos, valores e beleza relacionados a eles são aceitos e respeitados. Com essa imposição, as referências do povo negro foram cortadas. Para Munanga (2004) a identidade negra é coletiva, ou seja, é a definição de um grupo e pode ser constituída por meio da seleção de alguns atributos no âmbito cultural, como a língua, o sistema político e a visão de mundo. A auto identificação ou auto atribuição é realizada de forma individual.

Ao falarmos de identidade negra, Munanga (2004) ainda afirma que a identidade, em seu processo de construção, está diretamente ligada à cor da pele. O primeiro passo para esse processo de construção é o conhecimento da história, mal conhecida pela população negra, visto que nos foi ensinado é uma perspectiva negativa pela visão do “outro”.

O essencial é reencontrar o fio condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções e falsificações, consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo. É a razão pela qual cada povo faz um esforço para conhecer e viver sua verdadeira história e transmiti-la para as futuras gerações (Munanga 2012, p. 10).

É urgente a reconstrução e disseminação da história da população negra de forma verdadeira e justa. Leal (2022) aponta que o processo de formação da identidade, possui grande importância, mas quase não é abordado na primeira infância, período das faíscas dessa construção identitária. A criança em processo de formação de identidade, ou que nem

despertou para isso, diante da condição de ser negra, reage primeiramente de forma a negar a si mesma, e conseqüentemente, busca ser aceita por quem lhe rejeita, ou seja, buscar embranquecer (Fiabini, 2020). No entanto, Hall (2006) entende identidade como processo mutável. Isso significa que essa identidade negativa pode ser modificada, e dar lugar ao apredizado para a construção de uma identidade enquanto pessoa negra mais digna .

3 “*BRIGHTNESS IS WHO YOU ARE*”¹⁴: os tipos de racismo sofridos pela personagem principal, suas consequências e como se tornaram estímulo para o início da construção da sua identidade enquanto criança negra

Este capítulo tem como objetivo apresentar a obra literária escolhida como corpus da pesquisa: *Sulwe* (2019). Em consonância, discorreremos brevemente sobre a autora da obra: A mexicana-keniana Lupita Nyong’o, visto que sua vivência como mulher preta contribui de forma significativa para o entendimento da obra e seu contexto. Após a contextualização da obra, realizamos as análises interpretativistas com base nas discussões apresentadas no capítulo anterior, a fim de compreender os tipos de racismo sofrido pela personagem Sulwe, quais foram as consequências e como essas vivências estimularam o início do processo de construção da sua identidade negra a partir das lentes dos *Black Studies*.

3.1 Um olhar sobre *Sulwe* (2019) e sua autora

Figura 1: Capa do livro *Sulwe* (2019)



Fonte: Puffin Books

Sulwe (2019), obra literária infantil negra escrita por Lupita Nyong’o e ilustrada por Vashti Harrison, conta a história da protagonista Sulwe. O livro possui 48 páginas cheia de cores e relata infância de uma menina do leste africano e suas angústias por ter a pele

¹⁴ “Brilho é quem você é” (Nyong’o, 2019, p. 19, tradução nossa).

retinta - “*the color of midnight*”¹⁵. É a mais escura da sua família e de todos os colegas da escola. Por esta razão, a personagem se ressentida de não parecer com ninguém da sua família e é muito comparada com a irmã, que nasceu com a pele mais clara. Enquanto sua irmã tinha apelidos carinhosos na escola, Sulwe ficava extremamente magoada com os apelidos que lhe davam, sempre com conotação negativa como “Blackie”, “Darky” e “Night”¹⁶.

Sonhando em ter a mesma cor da irmã e colegas, Sulwe inicia uma jornada em busca de clarear sua pele. A menina tenta de tudo, desde apagar a sua cor com uma borracha até implorar para que Deus mude sua cor. Sem sucesso, a menina se debruça sob a tristeza. Sua mãe, vendo a situação, tenta convencê-la de que a beleza vem dela mesma, pois ela é próprio o brilho, e não sua cor de pele. Sulwe acredita que sua mãe só está dizendo isso porque é sua mãe. Então, a magia invade seu quarto na forma de uma estrela cadente e lhe conta a história das irmãs “Night” e “Day”¹⁷. As irmãs representam o dia e a noite e a ideia de que o dia se sobressai a noite a nível de importância para o mundo, mas no final, após perderam a noite, todos entendem que cada uma desempenha um papel diferente, e que possuem a mesma importância, apesar de suas diferenças.

Em sua nota, Lupita Nyong’o (2021) confessa o quanto a história de Sulwe se assemelha a sua. Ela, assim como a menina, por diversas vezes tentou clarear a sua pele e também duvidava quando sua mãe a achava bonita, pois é o que se espera de uma mãe. A autora relata que só começou a admirar sua própria beleza e fazer as pazes com sua cor de pele quando mulheres de pele retinta começaram a ter suas belezas sendo reconhecidas e celebradas mundo afora, deixando claro o quanto a representatividade fez diferença em sua vida e, conseqüentemente no processo de construção de uma identidade negra forte.

Seguindo o contexto da obra e realidade, a irmã de Lupita Nyong’o também nasceu com a pele mais clara e era constantemente elogiada por sua beleza, enquanto Nyong’o não recebia os mesmos elogios. Durante sua infância, ela via que as personagens dos livros infantis eram brancas. E mesmo no Quênia, terra natal de seus pais e onde a população é majoritariamente negra, a autora da obra sofreu com o racismo, um fator diretamente ligado aos padrões eurocêtricos de beleza e a estrutura social.

Lupita Amondi Nyong’o é uma atriz, diretora, produtora, modelo e escritora nascida no México, onde seu pai, Peter Anyang’ Nyong’o, ensinava na época. Sua família

¹⁵ A cor da meia noite (Sulwe, 2019, p. 7, tradução nossa).

¹⁶ “Negrinha”, “Escurinha” e “Noite” (Nyong’o, 2019, p. 9, tradução nossa)

¹⁷ “Noite” e “Dia” (Nyong’o, 2019, p. 24, tradução nossa)

retornou ao Quênia quando ela tinha menos de um ano de idade. Nyong'o cresceu em Nairobi, onde desde de jovem demonstrou interesse pelas artes e, felizmente, foi incentivada por sua família a buscar seus sonhos, a levando a estudar nos Estados Unidos. Ela frequentou Hampshire College, onde se formou em Estudos de Cinema e Teatro. Posteriormente, obteve um mestrado em atuação pela Escola de Drama da Universidade de Yale.

Lupita Nyong'o cresceu em um ambiente politicamente ativo, visto que seu pai é um proeminente político queniano, o que contribuiu para o desenvolvimento do seu forte senso de responsabilidade social. A autora é conhecida por ser a primeira africana, queniana e mexicana a ganhar o Oscar, por sua atuação no filme *12 Anos de Escravidão* (*12 Years a Slave*), além de ter sido elegida a mulher mais bonita do mundo em 2014. Nyong'o faz uso de sua visibilidade em prol de contribuir de maneira significativa na luta contra o racismo, incentivando a valorização e aceitação da beleza negra.¹⁸

3.2 “SHE LOOKED NOTHING LIKE HER FAMILY”¹⁹: o racismo por meio do colorismo

Sulwe, menina do leste africano, “was born the color of midnight. She looked nothing like her family. Not even a little, not even at all.” (Nyong'o, 2019, p. 7-8)²⁰. Podemos perceber que já nas primeiras linhas da narrativa, demonstrado no excerto acima, é apresentado o início do conflito da personagem de não se assemelhar com os demais membros de sua família, visto que ela nasceu preta retinta, enquanto seu pai, sua mãe e sua irmã tinham a cor da pele mais clara. Por ser “diferente” do seu núcleo familiar e escolar, Sulwe sofre ataques constantes de seus colegas da escola, o que a faz desenvolver um desejo enorme de mudar de cor, ou melhor, pelo embranquecimento.

Na obra, cada membro da família de Sulwe tinha sua cor de pele ligada aos tons de um momento do dia: “Mama was the color of **dawn**, Baba the color of **dusk**, and Mich, her sister, was the color of **high noon**.” (Nyong'o, 2019, p. 7-8). Dusk, dawn e high noon

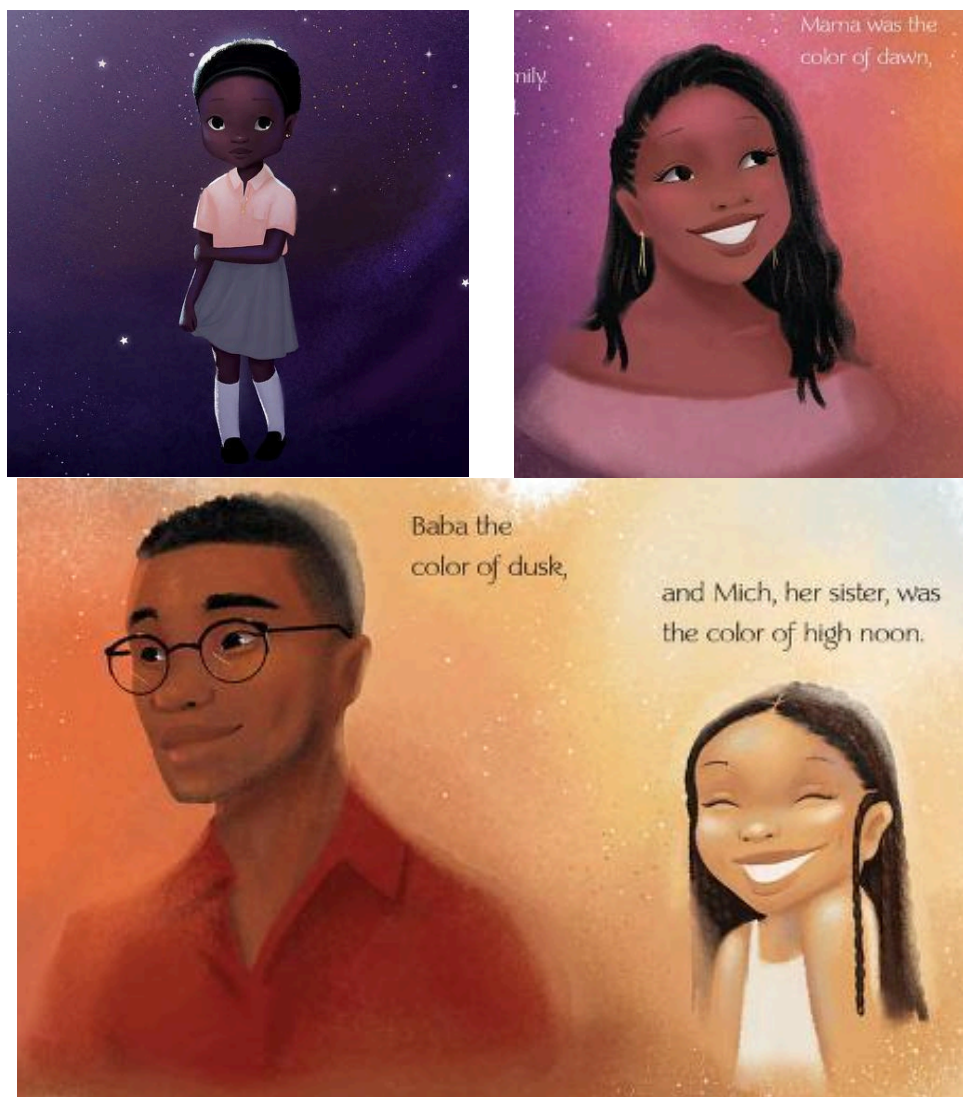
¹⁸ Informações biográficas. Referência: PRIMEIROS Negros. Lupita Nyong'o vale por um continente e dois países no Oscar. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/lupita-amondi-nyong-o-a-primeira-atriz-africana-queniana-e-mexicana-a-ganhar-um-oscar/>. Acesso em 16 de jun. de 2024.

¹⁹ “Ela não parecia nada com sua família” (Nyong'o, 2019, p. 8, tradução nossa).

²⁰ “Era da cor da meia noite. Ela não parecia em nada com sua família. Nem um pouco. Nem um pouco mesmo.” (Nyong'o, 2019, p. 7-8, tradução nossa).

significam, respectivamente, em português crepúsculo, amanhecer e meio dia.

Figuras 2, 3 e 4: Sulwe e sua família



Fonte: *Sulwe* (2019)

Ao analisarmos a significância de cada palavra grifada acima respectivamente (crepúsculo, amanhecer e meio dia), juntamente com as cores presentes na apresentação de cada membro (figuras 2, 3 e 4), visualizamos que Mama, Baba e Mich são representados por cores semelhantes a de um crepúsculo, do amanhecer e do meio dia - tons de laranja e marrom (mais claros) - enquanto Sulwe (figura 1) carrega tanto na cor da pele, quanto ao seu redor os tons de roxo e azul (mais escuros), que representam a meia noite e a escuridão, ou seja, a pele retinta.

De acordo com o KNBS (Kenya National Bureau of Statistic)²¹, mais de 98% da população queniana é formada por grupos étnicos africanos locais, nos quais a grande maioria dos indivíduos se auto identificam como negros. Levando em consideração o contexto social em que a obra se passa, as pessoas que produzem e reproduzem os episódios de preconceito direcionados à Sulwe são, em sua maioria, pessoas negras. A consonância dos excertos e imagens acima exemplificados, juntamente com o cenário social, ressalta explicitamente que Sulwe sofre preconceito dos seus semelhantes. Esses episódios de preconceito sofrido pela personagem, visando a fazer se sentir inferior, e consequentemente, ampliando a sensação de superioridade de quem o produz, sendo todos pertencentes à mesma raça, é chamado de Colorismo (Walker, 1982).

O Colorismo, apesar de ser empregado também por negros sobre negros, “é uma construção ligada à ideia de supremacia branca, portanto, não originada nas interações endógenas dos membros da comunidade negra.” (Devulsky, 2021, p. 10). Assim, ao direcionar ações preconceituosas e racistas aos negros retintos, os negros de pele mais clara anseiam na verdade, transferir ao outro o tratamento que eles recebem dos brancos. Ou seja, o Colorismo, que nesta pesquisa de cunho interpretativista é considerado uma manifestação do racismo, é uma forma de aceitação da hierarquia racial e por conseguinte, das relações de dominação que atuam em seu detrimento (Devulsky, 2021). À vista disso, compreendemos que as ações racistas sofridas por Sulwe por meio do Colorismo, nada mais é do que a tentativa de seus colegas de transportar para ela o sentimento de inferioridade advindo das ações da branquitude em relação à eles.

3.3 “SHE WANTED REAL FRIENDS TOO”²²: o racismo cotidiano

Como já mencionado, no corpus de análise da pesquisa, Sulwe deseja ter a mesma cor de pele de sua irmã Mich. Esse desejo é gerado por conta das comparações entre as duas irmãs realizadas por seus colegas de escola, nas quais eles proferem palavras em tom negativo para caracterizar fisicamente Sulwe, mais especificamente sua cor de pele, enquanto usam de expressões com conotações positivas em relação a irmã: “People gave her sister, Mich, names like ‘Sunshine’ and ‘Ray’ and ‘Beauty’. People gave Sulwe names like ‘Blackie’ and

²¹ Kenya National Bureau of Statistics, 2024. Kenya’s Statistical Releases. Disponível em: <https://www.knbs.or.ke/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

²² “Ela queria amigos de verdade também” (Nyong’o, 2019, p. 10, tradução nossa).

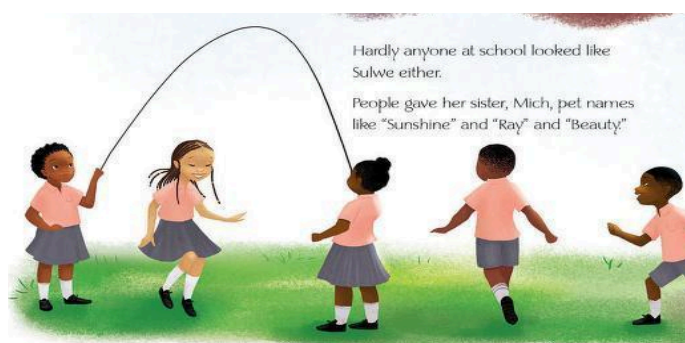
‘**Darky**’ and ‘**Night**’.” (Nyong’o, 2019, p. 8-9)²³.

As expressões destacadas em negritos direcionadas à Mich significam, respectivamente em português, ‘Raio de sol’, ‘Luz do sol’ e ‘Bela’. Notamos que as palavras, quanto aos seus significados, possuem uma conotação diretamente ligada à luz e aos seus tons mais claros, que estão diretamente relacionados à construção eurocêntrica de que aquilo que se aproxima do branco é considerado ‘belo’, visto que o sistema de opressão provocado pela colonização fez com que culturas, vivências, saberes e beleza de outros povos, que não o europeu, fosse considerado ‘feio’ (Munanga, 2012).

Em contrapartida, as palavras grifadas no excerto acima proferidas à Sulwe significam, de modo respectivo em português, ‘Pretinha’, ‘Preta’ e ‘Noite’. Estas expressões, diferentemente das faladas à irmã, são usadas de forma pejorativa e racista. Grada Kilomba, em *Plantation Memories* (2021), enfatiza que um padrão contínuo de abuso e não discretos é o que define o racismo cotidiano. No caso de Sulwe, esse padrão é manifestado através das expressões de cunho pejorativo e racistas: ‘Blackie’, ‘Darky’ e ‘Night’, que os seus colegas de escola proferem à ela todos os dias, provocando nela um sentimento de rejeição de si mesma. Dessa maneira, Sulwe é colocada diariamente como o ‘Outro’²⁴, a partir das expressões racistas utilizadas por seus colegas, e assim, lhe é negado o direito de ser ela, já que ela se torna o ‘Outro’ da branquitude, negando o direito de ela ser/existir igual (Kilomba, 2021).

3.4 “HOW COULD SHE, AS DARK AS SHE WAS, HAVE BRIGHTNESS IN HER?”²⁵: o racismo institucional e estrutural

Figuras 5 e 6: colegas da escola brincando com Mich e excluindo Sulwe



²³ “Pessoas davam a sua irmã, Mich, nomes como ‘**Luz de sol**’ e ‘**Raio**’ e ‘**Bela**’. As pessoas davam a Sulwe nomes como ‘**Pretinha**’ e ‘**Negra**’ e ‘**Noite**’.” (Nyong’o, 2019, p. 8-9, tradução nossa).

²⁴ Termo escolhido pela pesquisadora do presente trabalho e já elucidado no capítulo de discussões teóricas em consonância com os estudos de Grada Kilomba (2019).

²⁵ “Como ela, tão escura como era, poderia ter brilho” (Nyong’o, 2019, p. 20, tradução nossa).



Fonte: *Sulwe* (2019)

De acordo com Almeida (2019), o racismo transcende a ação isolada de grupos ou de indivíduos, à medida que determinados grupos raciais fazem uso da dimensão do poder como elemento central da relação social, e assim impõe seus interesses políticos e econômicos por meio de mecanismos institucionais. Isso posto, para além do racismo cotidiano (seção 3.3) e do colorismo como manifestação do racismo (seção 3.2), identificamos no corpus de análise dessa pesquisa, o racismo institucional.

No livro *Racismo Estrutural - Feminismos Plurais* (2019), Silvio Almeida expõe que o racismo institucional “se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia²⁶ do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas do poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade (Almeida, 2019, p. 27).” Dito isso, ao compreendermos o racismo como processo histórico, os países colonizados pelos europeus, como é o caso do leste africano (ambiente da obra literária analisada), forçados a assimilar os valores culturais da branquitude, reproduz e mantém por meio de suas instituições as práticas racistas tidas como ‘normais’ na sociedade.

Nas figuras 5 e 6, as colegas de Sulwe brincam de pular corda com sua irmã, Mich, enquanto ela é isolada da brincadeira. Enquanto isso, as meninas proferem à Sulwe expressões racistas já analisadas na subseção anterior e classificadas como uma forma de expressão do racismo cotidiano. Na primeira imagem o plano de fundo da obra é substituído

²⁶ De acordo com Antonio Gramsci, hegemonia são as formas de controle da classe dominante de forma coercitiva, como também a propagação da sua ideologia para garantir o convencimento voluntário das massas a respeito do status quo vigente.

NOAH, Néstor. **Gramsci e Marx: hegemonia e poder na teoria marxista**. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/download/1223/1010>. Acesso em: 09 Dez. 2024.

pelo branco, enquanto na segunda, Sulwe está sozinha em frente a uma parede. em viés interpretativistas, o branco com pano de fundo caracteriza um lugar de luz e limpeza, ou seja, um lugar melhor e privilegiado. Do outro lado, a parede de cor coloca Sulwe em um lugar de separação e rejeição.

As práticas racistas supracitadas ocorrem principalmente dentro do ambiente escolar, também conhecido como uma instituição. À vista disso, se os valores culturais da branquitude, e consequentemente, o racismo é reproduzido de forma ‘normal’ na sociedade, “as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de micro agressões - piadas, silenciamento, isolamento etc” (Almeida, 2019, p. 32). Nessa situação, concluímos que as atribuições pejorativas à cor da pele de Sulwe, as expressões utilizadas e o ambiente em que as manifestações acontecem, em conjunto, podem ser definidos como prática do racismo institucional, visto que não há medidas no combate e mitigação do mesmo, ou seja, a instituição se torna uma correia de reprodução de privilégios e violências racistas (Almeida, 2019, p.32).

Visto que as instituições reproduzem o cenário para introdução e conservação da ordem social por meio de imposição de regras e padrões racistas. Almeida (2019) entende que assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social existente, o racismo que essa instituição expressa é parte da mesma estrutura. Ou seja, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (Almeida, 2019, p. 31).

Na obra *Sulwe* (2019), assim como na atualidade, os comportamentos individuais e a atuação institucional emergem de uma sociedade cujo racismo é regra, e a reprodução sistemática dessas práticas é viabilizada pela organização política, econômica e jurídica da sociedade (Almeida, 2019). Novamente, ao entendermos que o racismo, como processo histórico e político, estabelece os parâmetros sociais para que os grupos racializados sejam discriminados de forma sistemática, de forma direta e indireta.

Portanto, compreendemos que o contexto social em que a personagem Sulwe está inserida tem como base um sistema ideológico, histórico, político e socialmente racista. Ou seja, o racismo vivenciado por ela é estrutural e não necessita de intenção para se manifestar (Almeida, 2019). Após ser vítima do colorismo, racismo cotidiano, racismo institucional e racismo estrutural²⁷, Sulwe é acometida pelo sentimento de inferioridade e o desejo

²⁷ Compreendemos que ao discorrer sobre os tipos de racismo presentes na obra, algumas situações se caracterizam como colorismo, visto que o contexto histórico da obra analisada é diferente da origem do presente trabalho. Contudo, por questões de tempo, essas análises poderão vir em trabalhos futuros.

incessante de ser igual àqueles que lhe ferem e não o ‘Outro’. Na próxima subseção apresentamos os efeitos dessas manifestações racistas sobre a menina Sulwe.

3.5 “MAY I WAKE UP AS BRIGHT AS THE SUN IN THE SKY”²⁸: os efeitos das manifestações do racismo

Como exposto nas subseções acima, a personagem Sulwe sofre diversas práticas racistas originadas em seu âmbito familiar, pois há comparações acerca da cor da pele dela - preta retinta - e dos demais membros do seu núcleo principal - negros com tons mais claros, mas que tomam forma no ambiente escolar, no qual seus colegas atribuem a Sulwe adjetivos pejorativos na intenção de a inferiorizar a partir dessas comparações com sua família, tendo sua cor da pele como foco principal dessas práticas.

O racismo, em suas diversas manifestações, marca profundamente o sujeito negro. Se o indivíduo é rejeitado pelas características da sua raça, no caso de Sulwe a cor da pele retinta, logo, a primeira reação seria rejeitar aquilo que não é visto como ‘normal’ também. Ou seja, Sulwe entra em estado de negação da sua cor e busca incansavelmente clarear.

Figura 7 - Sulwe tentando apagar sua cor com uma borracha



Fonte: *Sulwe* (2019)

Ao observarmos a figura 7, juntamente com excerto: “She got the biggest eraser she could find and tried **to rub off a layer or two of her darkness.**” (Nyong’o, 2019, p.

²⁸ “Que eu acorde tão brilhante quanto o sol no céu” (Nyong’o, 2019, p. 14, tradução nossa).

12)²⁹, percebemos que a menina usa uma borracha escolar na tentativa de apagar sua cor. Para Sulwe, ao assemelhar sua cor a de seus pais e irmã, consequentemente ela seria aceita e teria amigas. A frase em negrito significa, de acordo com a tradução da pesquisadora deste trabalho, ‘tentou limpar uma ou duas camadas da sua escuridão’. Em termos interpretativistas, entendemos o verbo ‘limpar’ como ação para aquilo que está sujo, ou seja, para Sulwe a sua ‘escuridão’ é sinônimo de sujo, muito provavelmente pelo fato de só direcionarem à ela adjetivos com conotação negativa e que remetem à escuridão.

Figura 8 - Sulwe usa maquiagem de sua mãe



Fonte: *Sulwe* (2019)

Na figura 8 “She crept into Mama’s room and helped herself to her makeup.” (Nyong’o, 2019, p. 12)³⁰. Após a primeira tentativa de clarear sua cor não ter êxito, Sulwe usa os produtos de maquiagem da sua mãe sem a devida permissão. Para a personagem, se a mãe é mais clara e é aceita, usar suas maquiagens a deixaria com a cor da pele parecida com a de Mama. Dessa forma, Sulwe não seria mais rejeitada. Porém, ela não obteve sucesso. Assim, ela partiu para a terceira tentativa, como mostra a figura 9.

²⁹ “Ela pegou a maior borracha que conseguiu encontrar e **tentou limpar uma ou duas camadas da sua escuridão.**” (Nyong’o, 2019, p. 12, tradução nossa).

³⁰ “Ela entrou no quarto de Mama e utilizou suas maquiagens.” (Nyong’o, 2019, p. 13, tradução nossa).

Figura 9 - Sulwe se alimenta com comidas claras



Fonte: *Sulwe* (2019)

Como exposto na figura 9, “Sulwe decided to work from the inside and ate only the lightest brightest foods.” (Nyong’o, 2019, p. 13)³¹. Após tentar limpar sua cor com a borracha, usar maquiagem, agora Sulwe decide que a melhor maneira de clarear sua pele é comendo alimentos claros como pão, banana, biscoito, leite, queijo, etc. A personagem acredita que ao ingerir apenas essas comidas, de algum modo seu organismo processaria de uma forma que interferisse em sua cor de pele. Mais uma vez, a personagem não obteve sucesso.

Figura 10 - Sulwe pedindo a Deus um milagre



Fonte: *Sulwe* (2019)

³¹ “Sulwe decidiu trabalhar de dentro para fora e comeu apenas as comidas claras.” (Nyong’o, 2019, p. 13, tradução nossa).

Já desesperada por nenhuma de suas tentativas terem funcionado, Sulwe recorre à última esperança: Deus. Ela realiza a seguinte oração:

“ Dear Lord, **Why do I look like midnight, when my mother looks like dawn?** Please make me as fair as the parents I’m from. **I want to be beautiful, not just to pretend.** I want to have daylight. **I want to have friends.** If you hear me, my Lord, and would like to comply, **may I wake up as bright as the sun in the sky. Amen.**” (Nyong’o, 2019, p. 14)³²

No excerto acima, Sulwe indaga Deus qual a razão de ela ter a cor da meia noite, enquanto sua mãe parece o amanhecer, ou seja, mais clara. Ela diz que quer ser bonita, e não apenas fingir ser. Ela ainda diz que gostaria de ter amigos e pede a Ele para acordar tão brilhante quanto o sol. Sulwe entende que a beleza que sua mãe diz que ela tem é uma farsa.

Segundo Munanga (2012), no processo de colonização, a ideia de superioridade branca fez com que o povo colonizado iniciasse questionamentos sobre si mesmo e consequentemente, caminhasse para a aceitação de ser inferior. Nessa inquietação, o negro passa a admirar o colonizador a medida que tenta se livrar da sua cor, pois essa característica não condiz com o padrão da branquitude, ou seja, lhe afasta da aceitação da sociedade. Com essa negação do seu eu, Grada Kilomba (2021) afirma que os negros passam a assumir a posição de ‘Outridade’. Em outras palavras, eles personificam os aspectos repressivos do ‘eu’ do sujeito branco (Kilomba, 2021).

Portanto, ao tentar se livrar da sua cor de pele, Sulwe estaria aceitando que ela é o problema, pois nasceu diferente dos demais. Dessa maneira, ao internalizar que suas características são negativas, ela aciona o sentimento de negação de si e inicia a busca pela salvação. Munanga (2012) destaca que o negro entendia que o antídoto desse sentimento de inferioridade seria se assemelhar ao branco, assimilando seus valores e buscando erradicar suas características fenotípicas. Esse processo é denominado de embranquecimento (Munanga, 2012). Em resumo, as experiências racistas sofridas pela personagem Sulwe desperta nela a negação do seu eu, que é rejeitado, a fazendo buscar um novo eu, agora com as características tidas como padrão social. Assim, ela faz o que pode na tentativa de embranquecer sua cor de pele, mas não obtém sucesso.

³² “Querido Deus, Por quê eu pareço a meia noite, enquanto minha mãe parece o amanhecer? Por favor, me faça tão clara quanto os pais de quem venho. Eu quero ser bonita, não só fingir. Eu quero ter luz do dia. Se me ouve, meu Deus, eu gostaria de pedir, que eu acorde tão brilhante quanto ao sol no céu. Amém.” (Nyong’o, 2019, p. 14, tradução nossa).

Na sequência, Sulwe viverá uma experiência singular que a fará desistir desse processo de embranquecimento. A experiência será analisada na subseção seguinte, em consonância com os pensamentos dos estudiosos a fim de identificarmos como se relaciona com as experiências de racismo sofrido por ela, como também de que maneira essa vivência foi o despertar para o processo de construção da sua identidade enquanto criança negra.

3.6 “LONG AGO, AT THE BEGINNING OF TIME”: a personagem Sulwe e o processo de construção da identidade da criança negra

Como apontado na seção de considerações iniciais, o racismo tem papel significativo na construção da identidade negra. E devido ao apagamento da população negra desde a colonização, a identidade destinada a esse povo sempre foi de cunho negativo ou uma tentativa de embranquecimento. Dessa forma, é necessário contextualizarmos um pouco do aparato histórico de identidade, a fim de chegarmos ao ponto central de análise dessa subseção: o processo de construção da identidade da criança negra.

No decorrer da história, principalmente no Pós Segunda Guerra Mundial, Hall (2006) aponta que as lutas sociais tinham um ponto em comum: a busca por uma identidade validada. Contudo, o interesse por questões raciais e de identidade veio a se intensificar na metade do século XX, quando houve uma instabilidade em paradigmas sociais antes postos, comenta Carter & McRae (2017). A partir de então, o conceito de identidade tomou força. Mas, Hall (2016) pondera que definir identidade agora é complexo, visto a instabilidade mencionada. Agora, o sujeito pós-moderno é *fragmentado*, ou seja, há a “perda do sentimento de si” (Hall, 2006, p.9).

Em consonância com os escritos de Hall (2006), Galeno (2023) cita que um sujeito pode possuir diversas identidades, a depender do momento ou contexto. Nesse momento, Hall (2006) salienta que formamos nossa identidade de maneira inconsciente ao longo do tempo por meio das experiências. Em suma, se a construção da identidade se dá de forma contínua, e por esta razão, Hall (2016) sugere que falemos de *identificação*. Ou seja, devemos buscar nos identificar com aspectos culturais, políticos, sexuais, de gênero e raciais durante nossas experiências de vida.

Contudo, já nascemos com identidade cultural pré-estabelecida e nos identificamos com ela (Hall, 2006). Porém, a grande problemática é a tentativa da nação detentora do poder de homogeneizar aspectos culturais e geopolíticos e assim criar mitos e propagar a

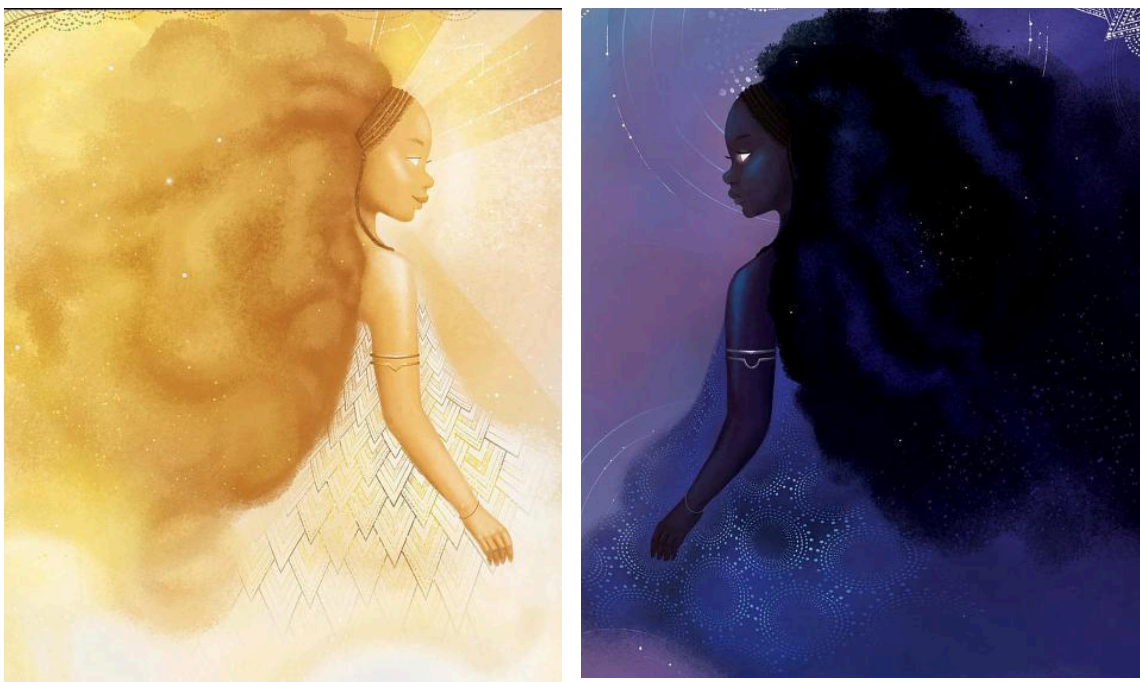
ideia de pureza da nação (Hall, 2006). Porém, se existe um padrão de pureza a ser alcançado, também haverá aqueles sujeitos que serão excluídos por não se encaixarem nesses padrões pré-estabelecidos (Galeno, 2023). Em resposta, Hall (2006) afirma que por meio do ‘poder cultural’, as nações foram construídas por agrupamento de aspectos culturais separados, mas que foram unificados por um longo processo de conquista violenta, ou melhor dizendo, “pela supressão forçada da diferença cultural” (Hall, 2006, p. 59). Galeno (2023) cita a escravidão em massa dos povos africanos e afro-descendentes em todo o globo, na qual eles “tiveram sua cultura e individualidade oprimidas, ao mesmo tempo que tiveram suas características físicas marginalizadas por não se encaixarem no padrão cultural dos opressores” (Galeno, 2023, p. 28).

Diante de toda opressão, surgiu a *negritude*, que Munanga (2012) a caracteriza como parte da luta para construir e reconstruir uma identidade negra positiva, visto que ao negro foi dedicado o lugar de ‘Outridade’, ou seja, de representação daquilo que a branquitude reprime em si (Kilomba, 2021). Esse movimento negro que objetiva principalmente despertar na sua população um processo de construção identitário, parte não só do ambiente político e econômico, mas principalmente pela história, seja física ou oral (Munanga, 2012). Essa história é constituída a partir da memória. No que tange esse aspecto, Munanga (2012) elucida que:

“a memória é construída, de um lado, pelos acontecimentos, pelas personagens e pelos lugares vividos por esse segmento da população, e, de outro lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por e, o passado cultural africano ou o passado enquanto escravizado). O sentimento de pertencer a determinada coletividade está baseado na apropriação individual desses dois tipos de memória, que passam, então, a fazer parte do imaginário pessoal e coletivo (Munanga, 2012, p. 11)”

De acordo com a citação acima, o primeiro passo para a construção de uma identidade negra é tomar conhecimento da história de resistência do povo negro e consequentemente, da prática cultural que sofreu com o apagamento encabeçado pela branquitude. Partindo desse princípio, na jornada da personagem Sulwe, após as tentativas de embranquecimento sem sucesso, ela é surpreendida por uma estrela durante a madrugada, que a leva para um passeio e conta a história das irmãs Day e Night, apresentadas nas figuras 11 e 12:

Figuras 11 e 12- As irmãs Day e Night



Fonte: Sulwe (2019)

No passeio, a estrela conta a história das duas irmãs (figuras 11 e 12), que viveram uma situação semelhante à de Sulwe com sua irmã Mich. Day era amada por todos, pois trazia muita luz, já a Night, assim como a pequena Sulwe, recebia adjetivos pejorativos e era rejeitada por representar a escuridão: “People gave Day pet names like ‘Lovely’ and ‘Nice’ and ‘Pretty’. People gave Night names like ‘Scary’ and ‘Bad’ and ‘Ugly’. [...] Night got fed up and walked right off the earth.” (Nyong’o, 2019, p. 29)³³. De acordo com excerto, dominada pelo sentimento de rejeição, Night decide ir embora, deixando seu povo viver com a luz do dia por todo o tempo. Com o passar dos dias, a população começou a sentir falta de Night e perceberam que ela era tão importante quanto Day, apesar das diferenças. Então Day foi atrás de sua irmã e demonstrou a importância dela ser quem ela é: “Brightness isn’t just for daylight. Light comes in all colors. And some light can only be seen in the dark.” (Nyong’o, 2019, p. 35)³⁴. Ela afirma à irmã que o brilho não está presente só durante o dia ou nas cores

³³ “As pessoas deram apelidos carinhosos a Dia, como ‘Adorável’, ‘Legal’ e ‘Bonita’. As pessoas davam à Noite nomes como ‘Assustadora’, ‘Má’ e ‘Feia’. A Noite cansou e saiu de vez da terra” (Nyong’o, 2019, p. 29, tradução nossa).

³⁴ “O brilho não é apenas para o dia. A luz vem em todas as cores. E algumas só podem ser vistas na escuridão” (Nyong’o, 2019, p. 35, tradução nossa).

claras, está em todas as cores, e que há luzes que só podem ser vistas quando está escuro.

Em sua jornada, Sulwe se deparou com as diferenças, no seu caso, a cor da pele retinta; foi vítima de práticas racistas oriundas de um sistema social baseado em hierarquias, no qual a diferença não é bem vinda; após essas vivências dolorosas, Sulwe busca apagar sua diferença, a fim de ser aceita; é apresentada a uma história que faz parte da cultura do seu povo e a partir disso começa a entender que a beleza e o brilho não é algo único, pois se manifesta de diversas formas, e todas essas formas devem ser aceitas. Visto que a construção da identidade “começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude” (Munanga, 2012, p. 14), Sulwe, através da história do seu povo, conseguiu se identificar, reconhecendo as diferenças, e por fim entender e aceitar a sua cor da pele.

Do viés interpretativo, identificamos que o processo de construção da identidade negra deve ser instigado desde a infância, pois a criança é inserida na instituição família, e em seguida, na instituição escolar. Como frisa Almeida (2019), essas instituições sociais fazem parte da estrutura social, portanto, as ideologias da branquitude são raízes das suas criações. A partir de práticas racistas, vivenciadas nessas duas instituições, mas que são originadas da estrutura social vigente e no apagamento da história, com foco na cor da pele, a criança desenvolve a necessidade de se afastar dessa característica (Cavalleiro, 2022). Exatamente o que aconteceu com Sulwe ao vivenciar essas manifestações de racismo.

Para desconstruir a identidade negativa desenvolvida a partir das vivências do racismo e da internalização dos ideais da branquitude, a criança precisa ser auxiliada a se auto identificar como negra. A auto identificação na infância precisa ser instigada com o amparo dos pais e da escola, principais instituições da infância. Portanto, o primeiro passo para iniciar a jornada de auto identificação e consequentemente, o processo de construção de uma identidade negra positiva é a apresentação da história e das referências negras (Santana, 2006). Para isso, é necessário que tanto os educadores, quanto os pais e as crianças sejam munidos de conhecimentos acerca das diferenças, como também das informações históricas dos povos e sua cultura, vislumbrando a identificação da criança com suas características fenotípicas (Santana, 2006). Desse modo, assim como Sulwe, as demais crianças negras enxergarão seu valor e entenderão que a beleza mora no que a gente é.

4 “LIGHT COMES IN ALL COLORS”: considerações finais

O racismo, como processo histórico e político, é responsável por criar meios

favoráveis para que a sociedade, seja de forma direta ou indireta, discrimine sistematicamente os grupos racialmente identificados (Munanga, 2012). Essas discriminações vivenciadas pela população preta, produz um grande trauma no corpo, favorecendo a rejeição ao mesmo, e direcionando o indivíduo a estabelecer uma identidade negativa para si. Visando desconstruir essa imagem de sujeito negro como negativo e/ou inferior, a discussão sobre o processo de construção da identidade da criança negra, a partir do entedimento das diferenças e da estrutura social se faz necessário, a medida que ansiamos quebrar o ciclo de violência contra nós mesmos.

Nesse caso, auxiliar a criança nesse processo de auto identificação, e consequentemente, de construção da identidade enquanto criança negra é urgente. Uma das formas para iniciar essa jornada é por meio da literatura. Levando isso em consideração, a obra literária infantil *Sulwe* (2019) carrega um enredo apto para discutir as manifestações do racismo, seus efeitos e com a história como cimento cultural é essencial para iniciar essa jornada de aceitação.

Em virtude disso, a presente pesquisa visou responder à seguinte pergunta: qual a relação entre o racismo e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019). Ao fim da pesquisa, foi identificado que o racismo teve grande efeito sobre o processo de construção identitária de Sulwe, visto que seus tipos - colorismo, racismo cotidiano, racismo institucional e racismo estrutural - a levaram a rejeitar seu 'eu' por acreditar que é inferior por conta da cor da pele. Ademais, ao buscar embranquecer, ela experimenta um momento de identificação com a história de seu povo, além do apoio de sua mãe, que a fizeram acreditar na sua beleza e caminhar para esse processo de construção identitária enquanto criança negra.

A fim de responder a pergunta, foi traçado o seguinte objetivo geral: investigar a relação entre o racismo sofrido pela protagonista Sulwe e o processo de construção da identidade negra na obra infantil *Sulwe* (2019). Para alcançar o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos *Black Studies*, com ênfase nos conceitos de racismo e identidade negra; apontar as tipos de racismo sofrido pela personagem Sulwe e suas consequências; analisar como os as vivências do racismo e suas consequências se tornaram estímulo para o início do processo de construção da identidade da protagonista Sulwe enquanto criança negra.

No que tange os tipos de racismo vivenciados por Sulwe, foi possível identificar quatro formas, sendo elas o colorismo, o racismo cotidiano, o racismo institucional e o racismo estrutural. Vivenciar essas práticas racistas, levou Sulwe a rejeitar sua característica

fenotípica - a cor da pele retinta - e buscar formas de embranquecer, ao utilizar uma borracha na pele, utilizar maquiagens da mãe que tem a cor da pele mais clara, comer comidas brancas e/ou claras, além de orar para Deus o milagre de amanhecer tão clara quanto o sol. A personagem acreditava que dessa forma não seria rejeitada e teria amigos.

Já em relação ao processo de construção da sua identidade negra, foi constatado que por meio da aproximação e identificação com a história do seu povo, Sulwe fez as pazes com sua cor e passou a ver beleza na estrela que é. Isso foi possível porque ela enxergou beleza em sua história e sua cor, e ao entender que era diferente, conseguiu ver que ainda sim continha luz.

No que tange às dificuldades ao produzir essa pesquisa, é válido ressaltar que em meio a processo de escrita, tanto o título quanto o terceiro objetivo específico sofreram alteração, à medida que as discussões tomavam forma e encontravam o seu rumo. É importante mencionar que discutir identidade foi desafiador, visto que é um conceito com aspectos subjetivos e tão plurais, além de não ser estático, mas sim viver em constante construção.

Ao finalizarmos, esperamos que mais crianças, assim como a que fui, seja incentivado a entender e identificar as manifestações do racismo e sua origem, para assim, contornar a estatística de ser ver como ser negativo e rejeitado e acolher suas características, para assim se orgulhar de ser quem é. Esperamos ainda que essa pesquisa sirva como novos gatilhos relacionados aos Black Studies, a vivência negra e a literatura infantil, buscando desafiar essa estrutura ideológica da branquitude e finalmente devolver a história aos negros. Quanto às minhas expectativas pessoais, espero conseguir contribuir de maneira positiva com a infância das crianças negras, para que elas possam ser quem são, sem rejeição própria ou do outro, e se houver, que essa situação não interfira na certeza de que o belo e a luz está em todos, sem hierarquias e muito menos discriminação.

REFERÊNCIAS

- ALKALIMAT, Abdul. **The History of Black Studies**. Pluto Press, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctv2114fqm>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional**: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x1se5se>. Acesso em: 02 dez 2024.
- CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira (coord.) **Atlas de Violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2285>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- DEVUISKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades**: a interpretação de uma mutação. Santa Maria da Feira: Rainha & Neves, 2006.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIABANI, A. Tainá. **A dor do inocente**: implicações do racismo para a criança negra. Revista Em Favor da Igualdade Racial. [S. l.], v. 3, n. 3, p. 04-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4177>. Acesso em: 04 dez 2024.
- GALENO, M. E. M. **“What else comes with being you?”**: as experiências e consequências da dupla consciência na identidade racial de Ruby/Hillary na obra Lovecraft Country (2016). Monografia 57p. 2023 (Graduação em Letras – Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus de Parnaíba, 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autência Editora, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Sage Publications Ltd., 2013.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of everyday racism**. Unrast Verlag, 2021.

KUARK, F; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C. H. **Metodologia de pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LEAL, Larissa Pereira. **O olhar do outro no meu olhar: racismo e formação da identidade de crianças negras**. Antigo 27p. 2022 (Bacharelado em Psicologia) – Universidade federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Santo Antônio de Jesus, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, F. R. D. **Black mirror não é sobre tecnologia, é sobre humanidade: uma análise psicanalítica da personagem Lacie Pound apresentada no episódio Nosedive**. Monografia 61p. 2018 (Graduação em Letras - Inglês) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, campus de Parnaíba, 2018

TYSON, Lois. **Critical theory today: a user-friendly guide**. 3. ed. New York, London: Routledge, 2015. Referência do corpus da investigação NYONG'O, Lupita. Sulwe. Puffin, 2019.

WALKER, Alice. If the present looks like the past, what does the future look like? 1982. In: _____. In search of our mother's gardens: womanist prose. San Diego, California: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.